

AS COISAS ESPANTOSAS

DA NOSSA COMISSÃO MUNICIPAL ADMINISTRATIVA

De onde se provam todas as afirmações do "Radical,"

REPETIMOS: CRIMES, ÊRROS e DESVARIOS...

Os intuitos do «Radical» na campanha camarária não carecem de nova justificação que, á força de repetida, corria risco de tornar-se indício de fraco acolhimento por parte do grande publico para quem escrevemos.

Demais—a opinião honesta que nos lê e escuta, acredita boamente na sinceridade das nossas intenções, e não é a ela, pois, e porisso a ninguém, que precisamos de explicar a razão das nossas justas invectivas á perdulária administração da entidade que vergonhosamente nos governa.

Acredita e faz côo comum connosco, porque a todos se ouvem acres censuras á gerencia da comissão municipal administrativa, cujos desatinos e desperdícios vem sendo tornado publicos pela nossa salutar campanha.

Nos comentarios que fazemos ás faltas e irregularidades que dia a dia vão chegando até nós, não somos mais do que o eco das apreciações que a elas proprias faz o publico honesto, que se interessa pelo progresso patrio, e tem acompanhado, com visível agrado, a nossa attitude de acusadôres tão imparciaes, como implacáveis.

Agimos por impulso proprio, cumprindo um dever que nos impômos, qual seja o de zelar pelos interesses e boa administração do municipio; e obramos tambem ajudados por incitamentos valiosos que só nos desvanecem e honram, por partirem de criaturas honestas, dignos filhos desta linda terra.

Tanto basta, acrescentando a circumstancia de sermos pouco dados ao medo, para não nos intimidarem as vis ameaças que ao bisborrias ali da Rua de J. Francisco foi mandado fasêr-nos, talvez para detêr «O Radical» na sua grande obra de saneamento.

Não vêem aqueles que nos anunciam proximo castigo, que as suas ameaças, uma vês efetivadas, são a nossa maior vingança! Sim vingança, que elas hão-de desmascarar certas e determinadas ciraturas...

Mas continuemos, que o medo não demora nestas paragens.

A "trapalhice,, do desfalque

Que dissemos nós, até hoje, na nossa campanha?

Em primeiro logar isto: «um empregado da camara deu um desfalque de avultado valor.—é voz corrente na vila.

Que o deu é um facto, ninguém o contesta, antes se confirma, embora lhe dêem o nome de «abuso de confiança». E, para colorir, para tirar a môr importancia ao facto punível, disem que a falta fôra cometida ao snr. tesoureiro encarregado da cobrança do imposto a que o desfalque respeita, como se aos tesoureiros coubesse, em parte alguma, cobrar impostos, e não simplesmente arrecadar—é o termo—os rendimentos concelhios.

O desfalque deu-se, foi um facto, embora logo coberto pelo empregado delinquente, quando «O Radical» iniciou a sua campanha.

Deu-se, e o caso passou-se da forma que vamos referir, pela segunda vês. O zelador Pereira tinha a seu cargo a cobrança do imposto da feira, ou taxa de occupação de terreno como na camara lhe chamam.

As contas eram-lhe tomadas, em geral, pelo vereadôr snr. Julio Faria, e foi ele que num dado momento verificou a existencia do desfalque. Tomou desde logo para si a resolução de suspender o empregado, e exonera-lo do cargo de confiança, fiscal dos cantoneiros.

Para esse efeito procurou cada um

dos seus colegas, e como notasse na môr parte deles, ou em alguns, uma certa vontade de transigencia, uma determinada frouxidão—determinou-se a abandonar a camara, para o que pediu uma licença de 60, dias sob pretexto de falta de saúde.

¿Porque é que a camara não evitou a retirada do snr. Julio Faria? Porque é que não castigou de logo o empregado delinquente, se o desfalque fôra apurado e verificado ao certo por aquele vereadôr?

A conclusão é esta:

A camara queria occultar o caso para proteger o empregado.

E tanto assim que, dando-se o desfalque em antes de 16 de agosto, e tendo sido verificado ao certo pelo snr. Julio Faria em antes daquela data— a camara só depois da nossa campanha e a 8 de setembro houve por bem castiga-lo «por irregularidades praticadas ao snr. tesoureiro.»

Mas pergunta-se: ¿se o tesoureiro é responsavel perante a camara pela cobrança do imposto com que direito se castigou o zelador Pereira? A quem havia de caber a responsabilidade, se aquele zelador auxiliava simplesmente o tesoureiro a titulo particular.

Ao zeladôr, para ter de castigar-se? Ao tesoureiro, a quem cumpre, na peregrina doutrina da camara a cobrança do imposto, e não a sua simples arrecadação?

Como os leitôres veem, trata-se, de uma grande trapalhada para mistificação do publico ingenuo. E, afinal, de poucos proveitos, porque o facto deu-se tal qual o referimos, e assim o ouviram da bôca do snr. Julio Faria pessoas que nos merecem toda a confiança e com ele privam.

As obrigações: mantêmos tudo quanto dissemos!

Mas não é só do desfalque que se trata. Temos tambem o caso das obrigações sorteadas.

Este grave facto divulgamo-lo ao publico nestes termos:

«Algumas das obrigações sorteadas em o ano passado, no valor total de 500 escudos, não estão pagas ainda.»

E não estavam á data, a 23 de Agosto. Pertenciam ao snr. comendador Sá, do Porto, com procuração á firma comercial desta vila, Tomaz José de Araujo & C.ª, que muitas e muitas vezes, algumas neste ano economico, mandou á camara para lhe pagarem as obrigações sem que tal conseguisse. Apesar de instantemente solicitado, o pagamento das obrigações não foi feito em devido tempo. E' um facto que o não desmente a firma procuradôra.

Mas suponhamos, por hipotese, que o seu portador não se apresentou a recebê-las, dentro do respectivo ano economico.

Que resultaria? Ficar em caixa essa importancia, e passar como saldo para o ano economico seguinte. Neste caso o portador das obrigações, apresentando-se a recebê-las no ano economico immediato, não deveria ter dificuldades em haver a respectiva importancia, pois que ela havia de necessariamente existir em caixa, como saldo do ano anterior.

Pois, caros leitôres, apesar destas irrefutaveis razões, o snr. comendador Sá teve inumeras dificuldades em conseguir o pagamento das obrigações, e só o obtêve depois de iniciada a campanha do «Radical.»

Mas porquê? Porque não havia dinheiro? Em tal caso mostra-se que a

importancia destinada ao resgate daquelas obrigações foi desviada para outro fim. Daqui não há que fugir.

E o pagamento das obrigações do ano corrente?

Tem-se feito com regularidade—mandou dizer a camara pelo seu moço de fretes.

Pois não conhecemos mais descarada mentira. Como assim com regularidade, se o snr. Francisco Carmona, na qualidade de procuradôr do snr. Gonçalo Pereira, tem feito infrutiferos esforços para receber o valor de varias obrigações?

Foi varias vezes á secretaria da camara, foi a casa do tesoureiro—e tanto em uma como em outra parte responderam-lhe que não havia dinheiro.

Isto que afirmamos é um facto, e confirma-lo-há o nosso amigo snr. Francisco Carmona.

O caso das obrigações, tal qual o referimos, é, pois, verdadeiro, ainda que muito pése aos inclitos varões que desta sorte administram o municipio.

Cortaram, criminosamente, folhas dum livro de actas

Vem, agora, a seguir a tramoia no livro de actas. Em que consiste ela? Em arrancar varias folhas a um livro de actas que fôra rubricado pelo nosso correligionario, e ao tempo presidente da camara, dr. Cardoso de Albuquerque.

E' falso? Não existem nesse livro varias folhas, sem a rubrica do dr. Cardoso de Albuquerque, de papel visivelmente diferente? Será falso, a camara nega-o?

Pois é verdade. Desse livro de actas foram arrancadas varias folhas e substituidas por outras. Quem as mandou arrancar? Não foi a camara? Quem então, se as actas, escriptas nessas folhas, estão assinadas por alguns vereadôres?

Se o crime não tivesse sido praticado a instancias da camara—não seria certo que os signatarios haviam logo dado pela falta de rubrica e pela dessimilhança de côr do papel?

Responda quem quizer, que nós continuamos a afirmar: **de um livro de actas, rubricado pelo dr. Cardoso de Albuquerque, arrancaram-se varias folhas, substituindo-se por outras!**

E para pôrmos ponto neste assunto perguntamos: será falso o dr. Cardoso de Albuquerque haver sido procurado e instado a rubricar as folhas que o livro de actas contem em substituição das que lhe foram arrancadas?

Haverá quem o negue?

A "jesuitica,, contribuição da feira

Resta-nos falar, para aludirmos a todas as primitivas acusações, á contribuição arbitraria que a camara em seu alto arbitrio resolveu lançar nos dias de mercado semanal, pela occupação de terrenos no campo da Republica.

A opinião que tinhamos é a que ainda hoje temos—sem olharmos a pessoas mas simplesmente ao aspecto legal do facto.

E', ou não, verdade a camara cobrar umas certas taxas pela occupação de terrenos no local onde se realiza o mercado semanal?

«Essas taxas—dissemos e dizemos—representam uma contribuição arbitraria porque, embora, em tempo, uma camara progressista, a tivesse lançado depois de ter ouvido os 40 maiores contribuin-

tes e obter a aprovação do governo, observando portanto as necessarias formalidades para a sua deliberação se tornar executoria, o certo é que depois de dois anos de experiencias, deliberou abolir essa contribuição.»

A que hoje, com identico character, vem sendo cobrada, é, pois, ilegal porque—dissemos tambem—«para ser novamente lançada e tornar-se executoria, tinha a comissão municipal, primeiro que tudo, de cumprir a lei.»

Que respondeu a isto o moço de recados ao serviço da camara? Que a cobrança—note-se bem—era legitima, mas não demonstrou com argumentos alguns essa legitimidade. E não a demonstrará, porque não tem em seu auxilio disposições que ilidam as nossas formais e terminantes asserções.

Alega-se que os barraqueiros e tendeiros são os proprios a prestarem-se voluntariamente ao pagamento das taxas de occupação. Que duvida, se só assim eles garantem um logar certo? E que admiração sujeitarem-se a pagar por terreno que não occupam, se só de tal forma evitam prejudiciais visinhanças?

Mas pergunta-se: poderá a camara, mediante o pagamento de qualquer taxa, garantir um logar certo aos barraqueiros e tendeiros, no mercado semanal?

Se a taxa que se cobra é ilegal, como demonstramos, se é paga voluntariamente por ingenuidade dos interessados—não pôde dar de forma alguma a garantia de um logar. Esse logar tanto o podem ocupar os que pagam, como os que não pagam, porque a camara não podendo legalmente cobrar taxas de occupação, pela forma que as vem cobrando, não pôde pela mesma razão garantir o logar a que elas respeitam. Quem não pode arrendar mas arrenda não pode garantir a posse da cousa arrendada.

Afora todos os subterfugios que só servem para lançar poeira aos olhos dos ingenuos, a questão está em provar: é legal a contribuição que a camara cobra, semanalmente, por meio de talões, em forma de guia?

Dissemos que era ilegalissima: e ninguém, até hoje, nos demonstrou o contrario.

Já tomamos muito espaço, e abusamos, em demasia, da paciencia dos leitores com as considerações que, afinal, lhe estavam no animo, sem sêr necessario bordá-las.

O que falta, pois?

Urge continuar na mesma escalpelisação de êrros e desvários que por si si só justificam immediato procedimento reparadôr do poder central.

Continuaremos com efeito, e hoje será fazendo a historia do orçamento ordinario do corrente ano economico.

História edificante dum orçamento

A Camara no ano findo fêz obras cujo importe excedeu as respectivas verbas orçamentais. Para regular a situação criada, houve por bem, em seu abalizado criterio, incluir no orçamento do ano corrente uma verba, sob o titulo *dividas passivas*, destinada a solvêr as despêsas que não pudêra pagar por excedencia das respectivas verbas.

Na comissão distrital aprovaram o referido orçamento, anotando a comissão que com tal verba só poderiam satisfazer-se dividas de despezas a dentro das respectivas auctorizações orçamentais.

Alguem, que não é positivamente afecto á camara, têve o precalço de lembrar que a notula da comissão distrital não obviava ao fim que se tinha em vista.

Dando por ela, a camara apressou-se a tratar do magno assunto, e conseguiu, após instantes pedidos, removêr a dificuldade com a feita de novo orçamento. E nesse, em vês de tal verba de *dividas passivas*, incluiu algumas de obras a realizar—obras que não se executam

porque o dinheiro que lhes é destinado tem o fim de solver despesas já feitas, embora em obras também.

Assim chegou até nós a curiosa historia do orçamento ordinario do corrente ano economico.

Ouvindo-a, não pasamos estupefactos, como sucederia se se tratasse de pessoas para quem fosse toda a nossa admiração. A historia que contamos, pouco mais ou menos como a ouvimos, é a coisa mais natural deste mundo, se tivermos em linha de conta as conclusões que a nossa campanha há radicado no espirito das pessoas honestas.

Venha a sindicância!

Mas venha essa sindicancia. Não demore um momento, que dela nada arreceiamos, se fôr lata como é mister, e feita por quem incapaz de lhe acobertar os desmandos, usando, em tudo, da maior imparcialidade, que não devê excluir a obrigação de fazer sobre todas as coisas luz e muita luz.

Que a sindicancia não seja uma tôrpe mistificação, ou uma canalhissima armadilha—e venha ela quanto antes.

E se o fôr, se não passar duma pifia burla, tambem nos não trará isso desassossêgo; porque se nela não ficarem provadas as nossas acusações, essa prova ha-de fazer-se implacavelmente no tribunal, perante magistrados dignos, que se não corrompem nem prestam a chantages, quando nós lá formos chamados, como se nos ameaçou já.

Venha, pois, a sindicância)

Respigando...

DE ENTRADA

Temos de fazer o avizo de não serem de uma absoluta oportunidade quasi todos os respigos que se seguem. Explica-se: deviam ter sido publicados em o numero passado, se não fosse a arrelia da falta de espaço.

Como os leitores viram, tivemos de encher, compactas, as quatro páginas, deixando de inserir-se os anuncios habituais, com evidente complicação para a tipografia, que não conta senão com o trabalho de trez.

Pois apesar disso muita matéria nos ficou de fóra, desde algum noticiario até todos os respigos.

Remédio, só poderemos encontrá-lo, p'ra tais precalços, ampliando o formato do jornal.

E' muito possivel que em breve consigamos esse melhoramento.

«A TARDE»

Começou ha dias no Porto a publicação dum diario vespertino, com este titulo e filiado no partido republicano português.

Cumprimentamos o novo confrade, que, por sinal, se apresenta brilhantemente, quere na correção da sua atitudo politica como no esmêro da sua factura.

A MORALIDADE DA MONARQUIA

Edificante o caso Lagoaça. sobre que a *Luta* publicou documentos vários num dos últimos numeros.

O sr. Lagoaça, conde, abiscoitando uns contos de reis, para pagar nma conta do hotel, para gosar pelo estrangeiro, em missão diplomatica, etc...

E tudo obtido—por uma simples carta de sua excelencia ao ministro e outra a um director geral; e pago com dinheiro no orçamento destinado a fim bem diverso...

Oh! moralidade da *saudosa* monarquia!

CONSPIRADORES

Anuncia-se nova função conspiratória, com todos os *matadores*: dança da incursão, bailado das guerrilhas internas, republicanos lançados a uma fogueira, e mais mimos da mesma ordem.

O *Larachas de Seis e Cinco* já estará prevenido, para o caso da vitória dos rialistas, com a mensagem que haverá de ler, a saudar o seu soberano, «com a voz embargada pela comoção», como algum tempo antes da republica?

DR. AFONSO COSTA

Não sabemos compreender a gloria que poderá resultar a quem vencer um adversário eliminando-o do numero dos vivos Essa vitória criminosa seria até uma prova de fraqueza, implicita na confissão da impossibilidade de triunfar lutando.

A hediondez de sentimentos que conduz ao crime, o mais abjecto, temos de a reconhecer, de a admitir como tara de infelizes larvados. Mas a taeanhez de intelligencia que faz supôr vantagens num assassinato politico—essa é que mais penso nos é encontrar em portuguêses, que, como orientadores do movimentos sociais, se pretendem de cotação mental, e como tal podem ser considerados lá fóra, onde os não conheçam.

Há dias descobriu-se um atentado contra o illustre ministro das finanças sr. dr. Afonso Costa. Não seria necessário sua ex.ª ser dos mais cotados membros do partido republicano português, em que enfileiramos, nem o devotado patriota que sempre foi, para que nós protestassemos contra semelhante crime. Nosso irreductivel adversário que fosse, e esse protesto sairia da nossa pena com as mesmas sinceridade e indignação.

O RESPEITO À LEI

Só os médicos municipaes podem legalmente substituir o sub-delegado de saude, nos seus impedimentos.

Mas isso do cumprimento da lei é uma bagatela.

Cá na terra outros poderes mais altos se aleventam e são eles quem tudo manda. Resultado: a substituição do sr. dr. Martins Lima sub-delegado de saude, em vez de caber a quem de direito, recaiu no sr. dr. Miguel Fonseca que, como se sabe, não é medico do partido.

Cumprir a lei... que velharia!

POR CÁ ..

A «Folha da Manhã» refere-se assim á discussão que temos tido com essa coisa que por 'i barrega á quinta-feira:

É cada palavra, que até dá gosto admirar tanta fróternidade. Ainda que nós quizessemos fornecer aos nossos leitores uma amostra das frases amáveis que ambos jogam, não o deviamos fazer, porque a Folha entra em casas decentes...

Não tem propriedade chamar-se «discussão» ao que não passa duma liquidação moral e um saneamento que, a bem da hygiene, nos propuzemos fazer.

¿Discutir? ... ¿Com quem?

¿Co' aquilo? Ora adeus!...

...E não ha palavras da nossa parte, colega. São termos com significação, adequados únicos aos factos que referem. Não ha outros exactos.

E, demais, temos de albardar o *Seis e Cinco* á vontade dos seus donos, manifestada na provocação á violencia que lhe mandaram fazer-nos e ele fez.

Respondemos; e ainda tão generosamente que temos posto o mais meticoloso cuidado em aproveitar para a sua liquidação aquilo que é de caracter publico, quando algumas insinuações pulhissimas do moço de fretes nos antorisaram a abandonar essa correcta linha de conduta.

E se o fizessemos, pai do ceu! então é que tinham de ser palavras feias...

Dr. Martins Lima

Agravaram-se ultimamente velhos padecimentos deste distinto clinico e antigo presidente da comissão municipal republicana, tendo de, por conselho médico, seguir para o Porto, a internar-se numa casa de saude da aquela cidade.

Aquella cidade o acompanharam, no domingo, seu filho e nosso prezado amigo Antonio Macêdo Martins Lima, e o sr. dr. Miguel Fonseca, hábil clinico.

Fazemos os mais sinceros votos pelo pronto restabelecimento de sua ex.ª

Palavras feias

Ora para que diabo se cança aquêlê acefaio *Larachas* da *Seis e Cinco* a mimosear-nos com palavras esquisitas?... Pois se eles não significam nada, senão quando applicados a criaturas como êle, ou firmados por pessoa moralmente responsável...

E então é que nem sequer tem um pouquinho de talento que lhe permita ser original. Parafraseia-nos, imita-nos e assim miseravelmente, remendando uns bocados de prosa, não se esquecendo de a avariar com algumas cretinices para que lhe não falte a marca da casa.

Olha, desqualificado *Larachas*: Dantes, quando poucos conheciam a podridão do teu caracter, as tuas calunias, as mais vis, podiam impressionar um tanto ou quanto o publico que te lêsse. Era no tempo em que deprimias infamemente, com todo o impudôr, aqueles que hoje te escutam e aproveitam os serviços...

A culpa, na realidade, não é tua; é deles, que acolheram, contritos, o infamador da vespera. Tu estavas no teu papel; tinhas a fazer aquele frete — injuriavas.

Hoje, ninguém que não queira utilizar-te para qualquer obra infame, de verdadeiro bandido, ou não seja como tu — não dá o menor crédito ás tuas porcas palavras. Todas as vezes que deitas cá fóra as costumadas sandices, mais um elemento fornecees para a tua biografia. E aqueles honestos que te leem só admiram o grau de baixesa do teu vilissimo caracter. Todo ele está em franca decomposição — pura pustula.

A frase é sediciosa e assás repetida, mas encerra uma eloquente verdade: «não ofendes quem quere mas só quem pôde». E tu não pôdes por seres um desqualificado sem brio nem escrúpulos, sem honra nem dignidade.

Só serves, e é nisso que te aproveitam, para, plantado a uma esquina, ou larachando numa gazeta, insultares quem passa, vomitando a pustulenta bilis que de todos os póros te resuda.

Fica com toda essa tua «cotação moral» que te acreditará junto dos noturnos frequentadores da Falperra, e assim mesmo se lhes não fizeres, aquilo que eles fazem em seus transeuntes.

Fica com ela, guarda-a toda para ti, que não te envergonha porque é a uns, como tu, que pertence e cabe.

E dispensa-te da torpeza de queres obrigar a acamaradar contigo quem, por certo, não será capaz de perfilhar as tuas vis calunias e grosseiras diatribes.

MONTE BANZÃO

A melhor agua mineral de nêza.

O "Radical" literario

SAUDADES DE ALÉM-MAR

Saudades de Além-Mar... Sinto-as e trago-as dentro de mim num côro soluçante.

Oh ondas de oiro e opalas em descante, cantam, no vosso ritmo, as minhas mágoas!

Fui marinho num paiz distante: ha nos meus olhos enritmias de águas... Oh brancos vagalhões de encontro ás frágulas voga nas vagas o meu sonho errante!

Esculturas de espuma e brumas louras, sereias de agua, ondinas de ouro e mouras, corpos de sonho em ondas de desejos,

vinde, vinde beijar na minha bôca a alma rubra, vagabunda e louca, do Oceano — em versos rítmicos de beijos...

(Do *Jardim do Crepusculo*, a aparecer brevemente)

MARTINHO NOBRE DE MELO.

A saudade do desejo

A Filipe de Oliveira

E o pintor continuou:

«Sinto ainda tremer sob a volupia negra dos meus olhos o colo da minha amante esquiva de momento e os seus largos olhos viciosos oferecem-me agora como se a possuira já inteiramente a sua carne pálida e macia.

Um desejo de retalhar camélias me possuí e penso em ir colhê-las aos jardins de privilegio para humedecer-lhe a boca com o sangue das flores frias e virginais, ás horas de topasio e rubi desfalecente quando o crepusculo sobrenaturaliza os nervos e dá ás coisas aspectos suaves, vagos sonambulismos, tonalidades misticas de resa.

Porque a boca beijada ainda me tenta como uma blasfemia em que pudesse adivinhar a salvação do fim.

Volta-me a vontade de fechar-lhe os olhos, perdidos olhos de dádiva, reveladores e acusadores, grandes olhos de noite estrelada e luminosa.

E vejo a minha febre ennobrecer-lhe as plebeias curvas enroscantes de movimentos micráticos e arcangelizar-se a carne esmaecida de torpilas em tons violentos de paixão excepcional.

Ouço a sua ignorancia suplicar-me interpretações do que lhe leio, paginas hermafroditas de volúpia imaginativa requintada até ao alem de nós e dou-lhe caricias, domando-a toda para que ela as compreenda.

Assim a tenho e nem de outro modo a quizesse talvez.

Acedo a beija-la a ocultas, pelos cantos, quando as outras se afastam e nos sentimos sós.

São os olhos dela quem inicia o rou-

bo. Então a minha força atemoriza-a e confessa medo dos meus olhos, aconchegando-se. Dobro-a sobre os meus braços enlaçados e debruço-me da cinta para colher a madrugada boémia dos seus seios que a minha bôca ha-de mudar em sonho puro.

Entrega-se e conta um passado triste, um scentelha de amor a contenta-lo, conta baixo como quem tem receio do destino.

De amante em amante, todos animais apenas, serva contemporizando com os sentidos dos donos, sem vontade e sem domínio, a minha amante esquiva de momento tem a história das pobres mulheres lindas da cidade.

Perderam-na as manhas duma velha adextrada em armadilhas á carne moça mas afeita ao presidio das ruas estreitas e das casas terrea sem sol.

Nunca amou ninguém.—Foi a vingança que prometeu á virgindade morta. Vive dos homens mas quasi os não sente de habituada a eles.

—O meu desejo foi uma revelação. — Pertencemo-nos e a minha saude possui-a inteira como ela se deu ao meu desejo.

.. Que ela rompe com o argentário não leva muito, vocês verão. — «Porque vens cá?—perguntava-me da ultima vez que lá fui. E ante o meu silencio: «Já sei, por ele não estar». Tinha razão.

Os meus amigos que teem boas amantes deviam ser inteligentes e saber amar o amor pelo momento».

Quando acabou, os amigos olhavam a medo.

Da «*Cidade das Sombras*», a entrar no prelo.

1912—Coimbra.

Nuno Simões.

Os nossos colaboradores literários

Dr. Martinho Nobre de Melo

Tem o nosso jornal a honra de publicar hoje uma das mais belas poesias do *Jardim do Crepusculo*, o novo e anciado livro de Martinho Nobre de Melo.

Este com Mario Beirão, Lebre e Liuna e Afonso Duarte constitue a élite poetica da nova geração.

Poeta original e bizarro, com um sentido inegalavel da forma e um requintado poder de idealização, aristocrata por temperamento e por e lucação estética, Martinho Nobre de Melo vae com o seu segundo livro triunfar intiramente.

SEMPRE SEM VERGONHA!

Amarrado de pés e mãos ao pelourinho da biografia que a si proprio traçou com repelentes incongruencias de louvaminheiro sem escrúpulos — algo estrebucha, o relissimo escriba, dizendo cretinias baboseiras á laia de defêza, que mais servem para o atolar na lama em que chafurda.

«Entusiasmos d' hora de bem lamentavel illusão...» — que parva explicação esta! E' o requinte da suprema audacia — traçar elogios biograficos do quilate

daqueles que transcrevemos, e attribuilos agora, que infamemente os repudiou «a entusiasmo d' hora bem lamentavel!»

Refinado embusteiro! E dava-se ares de sincero, o vilissimo canalha!

Todo se desfazia em amizade, era o primeiro em tudo—ele que é o primeiro, apenas, na escala dos grandes sclerados.

Todo se lambia, o farçante, assim com todo este «amôr»: «Nós porem não a queres deixar (á data do aniversario do dr. Cardoso de Albuquerque) simplesmente assinalada no pequeno registo das efemerides tri-

viais, pois desejamos associar-nos ao regosijo intenso, que vibra no coração dos que, aos laços consanguíneos, juntam as mais firmes ligações d'alma, tanto mais que *estamos muito longe — muito de sermos dos últimos em amizade certa e dedicação* entusiasta ao cidadão prestantíssimo que, por direito de meritos incontestáveis, tem ascendido á alta evidencia, que largamente utiliza á sua terra e á nobre politica que lial e desinteressadamente serve.» (O grifo é nosso).

Muito longe dos ultimos em amizade certa e dedicação! — o pateta grotesco que hoje calunia infamemente «esse grande caracter e nobre coração que é o dr. João Cardoso de Albuquerque», «espírito fortemente democratico, com traços profundos d'uma rigorosa energia...»

E tinha-o «*como esperança*» atamanca saloivamente o cretino *jornaleiro* — a ele, notem os leitores, que «por direito de meritos incontestáveis» houvêra «ascendido á alta evidencia que largamente á sua terra e á nobre politica que *lial e desinteressadamente serve*». (Tambem nosso o grifo).

Mas era preciso botar explicação, não fosse a memoria de pecados velhos, fazê-lo perdêr o frete.

Estrebuchou e deitou asneira, mas ficou satisfeito, o desgraçado, que não deu os amos.

Em maré delas...

Tambem é justo que de quando em vez dêmos o gostinho, aos leitores *talassas*, de transcrevermos prosa do seu oráculo.

Ela aí vai, que veiu mesmo a proposito, cá pr'a terra:

«São os pardos... os *arranjistas*, os que não se contentando de ser *amarellós*, deitaram para o lado uns restos de pudôr e se *arranjaram* com este regimen matriculando-se nos seus centros, ou occupando os seus logares de renda e confiança, com a igual semcerimonia com que amanhã voltarão... se os deixassem, a exercer *patrioticamente* as mesmas funções e a gosar as mesmas influencias e rendimentos com uma nova ordem de coisas, a pretexto de que não tinham chegado a ser vermelhos porque, á cautella, se tinham ficado... em *pardos*.

E' uma côr indecisa que dá ou serve para tudo. Só não dá como indicador recomendavel de caracter, mas provadissimo como está que ele não é moeda circulante no mercado, o *pardo* faz carreira: o *pardo*, sem deixar de ser *talassa* na familia e na intimidade, para que o não degradem, é, fóra da porta, um fiel servidor do regimen e um admirador submisso dos seus homens e dos seus feitos.

Os *pardos*, como ontem muito ligeiramente dissémos falando de *arranjistas*, fizéram-se, por essas provincias fóra, *afonsistas* ou *almeidistas*, e, aqui e acolá, *camachistas*, com a mesma crença politica e a mesma lavada consciencia com que, nos tempos *ominosos*, eram *ferozes franquistas*, *lucianistas*, *teixeiristas*, *henriquistas* ou *alpinistas*...»

Ora agora decifrem os entendidos o intrincado enigma: que côr teem os correligionarios, e amigos de Peniche, do dr. Martins Lima?

Vermelhos... vermelhinhos... está-se mesmo a vêr.

As cartas

Não queriam que as vissemos — está visto. E não são tolos — convenhamos — que ás vezes podia suceder virar-se o feitiço contra o feitiço.

Mas porque não veem as cartas a publico? Os signatarios estamos certos que não se opõem á publicação.

Venham as cartas, que bem preciso se torna esclarece-las em todos os seus duvidosos e ambiguos pontos.

A MISERICORDIA

E' boa! O argumento de traição á Republica serviu-lhes para se oporem, infrutiferamente, á eleição da meza da Misericordia, mas não lhes aproveitava para a dissolverem, se é composta de genuinos talassas.

Mas que quere dizer isso de trair a Republica? Será trai-la, instaurar o regimen de franca democracia e entregar, portanto, a administração daquela irmandade á vontade soberana dos seus irmãos?

Se o facto de permitir a entrada de *talassas* é trair a Republica, traição é tambem conserva-los lá, porque mais e mais se vão avolumando os prejuizos.

Alem de que tão traidôr foi o dr. Cardoso de Albuquerque aconselhando ao seu superior hierarquico a eleição, como o dr. Manoel Monteiro permitindo-a, medida que aliás tornou extensiva a mais concelhos.

E assim resulta: o antecessôr do snr. padre João Soares, é um traidôr á Republica — no dizêr deles, está visto.

Arre, que é pulha!

O imbecil, ali da rua de S. Francisco, que, por têr ingénúos que o escutam, julga confundir-nos com as emaranhadas razões da sua inteligencia vêsga — reincede na vilêza de apontar as comissões politicas, (municipal e paroquial) como arranjadas adrede.

O falhado republicano não nega que assistisse á eleição da comissão municipal, o que é já uma grande incongruencia por não ter agrupado ao lado dos que levantaram protestos — mas não diz, o supino farçante, que votou no dr. Cardoso de Albuquerque para aquela corporação. E finge ignorar o facto de ter ido, no momento da posse, saudar os eleitos com um *empolado* discurso.

Alem de trampolineiro, é tambem mentiroso, ocultando o que não lhe faz conta, nem aproveita á sua politica de banditismo.

Já lhe dissemos, em o n.º 36, que a acta da eleição alude aos protestos — mas o canalha não toma emenda, e insiste na vilissima calunia.

Tem gosto, o deslavado, em se revêr constantemente nas torpêzas que ejacula o seu putrido caracter...

Que na acta se mencionaram os protestos, era desnecessario provar aos nossos leitores; mas como nos foi concedida a necessaria autorisação, aqui teem todos uma pequenina amostra de quanto é capaz essa alma de lama que dirige a *Seis e Cinco*: «Passando-se depois disto ao acto eleitoral, foram nesta ocasião apresentados dois protestos pelos cidadãos dr. Gonçalo José de Araujo e Antero Correia dos Santos, os quais depois de lidos pelo secretario não foram aceites pela maioria da assembleia.»

Sobre manobras eleitorais

Da *Lucta* de quinta feira passada:

«Só temos desprezo, um desprezo sem limites, pelos vilissimos canalhas que traficam em materia eleitoral, por mais alto ou mais baixo que seja o logar que occupam na hierarquia social. Se dependesse de nós, cairia sobre elles todo o rigor da lei, e nunca achariamos esse rigor demasiado.»

«Se n'esse caminho viessemos a encontrar unionistas, convidal-os hiamos a que fossem para outro campo, porque não honram tais companhias, e nós queremos que a União seja um partido de gente honrada.»

Que se lhes fechasse a porta unionista, por esta não esperavam eles!

Tambem seria saltitar de mais. Basta entre o evolucionismo e o partido republicano historico. Já é uma dança muito divertida.

O caso de Viatodos

Com a energia que o procedimento do snr. administrador do concelho requeria, em condições de perfeita reciprocidade — o que se passou entre o nosso director e o snr. padre Manoel das Neves foi tal qual referimos em o numero passado.

Nem mais nem mehos.

E para isso recebeu o nosso director convite amavel, por intermédio do nosso querido amigo e zeloso e inteligente amanuense da administração Joaquim Antonio Pereira, convite que, como todos sabem, não é de uso fazer-se a um *cidadão como outro qualquer*

JORNAL DO ACASO

DE SIMÕES DE CASTRO

Edição da casa Magalhães & Moniz, Limitada. — Largo dos Loyos-Porto. A' venda em todas as livrarias.

O HOMEM E O CÃO

PARABOLA

Escorraçado e zurzido, de terra em terra, de logarejo em logarejo, um pobre cão lazarento em vão procurava permanecer em logar certo e decisivo.

Mal o avistava alguem, logo lhe dizia:

— Bem te conheço, matreiro...

Porque o pobre cão lazarento tinha uma crónica de tal modo escandalosa, que a toda a parte chegara a fama das suas proezas e bandalnéiras. Um cão desacreditado e desqualificado, enfim.

Mas, certo de que *quem porfia mata caça* o raifeiro não desanimava nem retrocedia.

— Nunca faltou cova a mortos nem cama a vivos — ruminava de si para consigo.

E seguia sempre. Onde apanhava parvos, pouco lhe custava fingir de inteligente. Onde reinava a ignorancia, por vezes conseguia dar-se ares de cão ilustrado e sabedor.

Como tudo aquilo, porém, não passava de pura charlatanice, depressa lhe descobriam as manhas e o escorraçavam de novo.

— Se fosse homem, tinha dado um bom dentista, este cão — murmurava, por vezes, um ou outro cão sincero e resignado. — Perdeu-se ali um belo vendedor de pastilhas...

E assim era, de facto. Mas a verdade é que, tanto porfiou, tanto rosou, tanto lambeu as botas a quantos transeuntes dele se acercavam, que conseguiu o fim ambicionado, foi admitido como cão de fila em uma quinta de gente boa e simples, de gente ingenua e generosa.

Era vê-lo, então! Lavou-se, apurou-se, tomou ares de cão superior e fez o pasmo de todos os rafeiros dos arredores.

Quem o ouvisse ladrar, assombrado ficava da seriedade com que ele abrdava trechos de sciencia que nem comprehendia nem poderia compreender... Dir-se-ia que vomitava sciencia de almanaque — se para os cães houvesse tambem almanaque...

Não passava, pela quinta, sombra de gente, a quem não lardasse e arreganhasse os dentes, embora pôdes e quasi desfeitos já Uns atiravam-lhe pedras. Outros davam-lhe um osso a roer. Outros intimidavam-se.

E o cão aventureiro e escorraçado de outros tempos, todo se ufanava. Só um viajante, que por ali passou em certo dia, se não amedrontou, quando o viu arreganhar-lhe os dentes...

— Bem te conheço, desgraçado Nem para morder já serves...

E foi andando, indifferente, com um ar de compaixão e de despreço.

Mas era exactamente com essa indifferença que o velho cão lazarento encanizava. Não lhe dar importancia, não ter medo de o ouvir ladrar, não livrar as canelas dos seus dentes ainda em fila... Era a suprema afronta!

Passou o viajante uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes... Sempre o mesmo ladrar desesperado por parte do cão. Sempre o mesmo despreço, por parte do homem.

Até que o viajante um dia, lhe disse:

— Bem te conheço, matreiro. Podes ladrar,

que não te escuto. Tu has de ser sempre cão... Eu hei de ser sempre homem.

Passou-se esta engraçada historia, em um planeta habitado, no tempo em que os animais falavam...

ENCICLOPÉDIA DE BANALIDADES

EM VIAGEM

Traduzimos de *La Vie Parisienne* o que se segue:

Quando viajam, o Inglez segue o seu gosto, o Alemão o seu guia, o Francez... uma mulher.

O Inglez faz excursões e compras, o Alemão observa e economisa, o Francez faz espirito e nem sempre do melhor.

O Inglez occupa-se do que o interessa, o Alemão do que lhe traz interesse, o Francez dos que se interessam por ele.

O Inglez leva um binocolo, o Alemão usa oculos, o Francez monoculo.

O Inglez anda, o Alemão marcha, o Francez corre.

O Inglez contempla, o Alemão cubica, o Francez mostra-se.

Para o Inglez, viajar é um sport, para o Alemão, uma occupação; para o Francez uma distração.

NA PRAIA

O avô levou pela primeira vez o Mario a tomar banho de mar. Apenas a criança entra na agua, começa a chorar desesperadamente.

— Que tens, Mariozinho? Que taconteceu?

E a criança entre soluços:

— E' que o fato molhou-se todo!

UMA QUADRA

De Augusto Gil:

E quando tu foste feito
Poz se o sol, nasceu a lua...
Tua mãe estava no leito,
Teu pae andava na rua!

BARCELOS por DENTRO

VIDA MUNDANA

Fazem anos:

Dia 5 — o snr. dr. José Gômes de Matos Graça.
Dia 6 — a snr.ª D. Maria José Belêza Ferraz.

Estiveram:

No *Pôrto* — os snrs. Antonio Emilio Roriz de Azevêdo e Antonio Augusto de Almeida Azevêdo.

Em *Vigo* — os snrs. Manoel Antonio Estêves e Agostinho Miranda.

No *Marco de Canavezes* — os snrs. dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro e Sebastião Pereira de Brito.

Na *Anadia* — o snr. João Candido da Silva.

Em *Vila do Conde* — a snr.ª D. Maria Helena de Souza Azevêdo e sua gentil neta a snr.ª D. Maria Deolinda Leão.

Regressaram:

Da *Povoa de Varzim* — os snrs. Domingos Ferreira e familia, Vital João de Souza e familia e Alberto Passos Barboza e familia.

Registo civil:

Na respectiva repartição registou-se, com o nome de Augusto, um filhinho do snr. dr. José Barbôza dos Reis Maia.

— Na mesma repartição tambem foi registada com o nome de Laura uma filha do snr. Hermogenes Pereira de Brito, da freguezia da Silva.

Consorcios:

Pelo snr. dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, foi pedida em casamento para o snr. Felix da Cunha Soto-Maior, empregado comercial do Pôrto, e nosso patrio, a snr.ª D. Maria Candida Pais da Silva, preñada filha do snr. Paulo José da Silva, proprietario em Quiraz.

— No ultimo sabado effectuou-se o consorcio do snr. Antonio Fernandes, distribuidôr do correio, com a snr.ª Carmo Rodrigues.

Pequenas notas:

Na sua quinta de Vila Frescainha (S. Martinho) encontra-se com sua familia o snr. Secundino Pereira Estêves.

— Regressou de Vila do Conde a Creixomil a snr.ª D. Maria Delfina Pacheco Leite Neiva.

— Com sua familia encontra-se na quinta do Cutulo o nosso amigo snr. Antonio de Almeida Azevêdo.

— Encontra-se em Barcelos a snr.ª D. Amélia Luiza de Matos Graça, respeitavel senhora da Povoa de Varzim.

— Seguiu para Apulia o snr. Manoel Cardoso e Silva e familia.

— Estêve no Pôrto a snr.ª D. Lucilia de Azevêdo Nunes, filha gentil do nosso amigo snr. Manoel José Nunes Pereira.

— Afim de sujeitar-se a um melindroso tratamento, encontra-se no Pôrto, internada na casa de saude do snr. dr. Julio Franquini, a snr.ª D. Delmira de Figueirêdo Carvalho Azevêdo, dedicada esposa do nosso amigo snr. Antonio Roriz de Azevêdo.

— Para as suas propriedades de S. Pêdro de Alvito, seguiu a familia Cardoso de Albuquerque.

— A veraniar, encontra-se em Vila do Conde com sua familia o snr. Julio Gomes da Costa Sá Brandão.

— Encontra-se na sua quinta de Santa Maria de Galegos a familia Coelho Gonçalves.

— Partiu para Lisboa a snr.ª D. Maria Pêna

Vieira, filha gentil do sr. Julio Pereira Vieira, secretario de finanças deste concelho.

— Estêve em Coimbra o nosso presado amigo sr. dr. José Duarte Pinheiro.

Partiu para Fafe, no goso de licença por onze dias, o sr. José Joaquim Pereira da Costa, empregado da fiscalização dos impostos neste concelho.

— Vimos no domingo nesta vila os nossos amigos snrs. Domingos Carreira, Arnald Azevêdo e Avelino Roriz Pereira

— Regressou da Apulia a snr.ª D. Elisa Sáles, esposa do sr. dr. Joaquim Pais de Vilas-boas.

Dr. Lima Torres

Regressou da Apulia a Barcelos o nosso estimado amigo snr. dr. Lima Torres, apreciado colaboradôr do *Radical*.

Eduardo Marçal

Partiu ontem para Famalicão este nosso estimado amigo e prestante correligionario, director do Asilo-Escola Agricola.

Vae fazer parte, e para isso lhe abunda a competencia, do juri da exposição pecuaria que naquella vila se realiza hoje, por iniciativa do Sindicato Agricola de Famalicão.

Salvador e Francisco Domenech

Vão a caminho do Rio de Janeiro estes nossos queridos amigos, que há alguns anos residiam entre nós, como empregados superiores da fabrica de serração J. Salort & C.ª.

A retirada inesperada de ambos os simpáticos rapazes causou geral sentimento em todos os barcelenses, porque um e outro souberam conquistar-nos o melhor affecto, a mais sincera amizade, com as suas qualidades apreciabilissimas de caracteres dignos e corações generosos e bons.

Não pudemos nós dar-lhe o grande abraço de despedida que a ambos deviamos, como dos melhores amigos que em Barcelos contam. Mas daqui lho enviamos, muito saudoso, com os mais ardentes votos por todas as venturas e um rapido regresso.

Antonio Pereira Martins

Parte em breves dias para o Rio de Janeiro este nosso presado amigo e estimado empregado comercial. Por tal motivo, há dias lhe foi oferecido um jantar de despedida por varias pessoas da sua amizade.

A essa homenagem nos associamos, ao mesmo tempo expressando o sincero desejo de que colha todas as ventu-

ras de que tão digno é pelas suas excelentes qualidades. Não podemos, no entanto, deixar de lamentar a ausencia de quem sempre nos mereceu as melhores simpatia e consideração.

Sindicância

Está nesta vila, procedendo a uma sindicância nos serviços de emigração da administração do concelho, o sr. José Pereira de Souza Junior, de Braga, que traz como seu secretario o sr. José Albino Guimarães.

Trata-se de um inquerito a todo o districto, como se está fazendo a alguns outros, por virtude de reclamações apresentadas no ministerio da guerra, por praças licenciadas.

Dr. Antonio Baltazar

Encontra-se desde ontem no Porto, devendo regressar a esta vila, hoje, o nosso querido amigo, director do «Radical», dr. Antonio Baltazar.

Cinematografo

Muito em breve deve começar a funcionar no Teatro Gil Vicente um novo cinematografo, propriedade da Empresa Cinematografica Barcelense, de que são societarios os nossos bons amigos snrs. Alberto Estêves, Julio Faria, Eugenio Azevedo, Julio Valongo.

O aparelho é do mais aperfeiçoado sistema, modelo modernissimo e adquirido na mais afamada casa de Paris. As fitas serão escolhidas a capricho, sempre entre as de maior agrado lá fora. Alie-se a isto que a instalação está sendo feita com o mais requintado esmero, e teremos garantidas excelentes noites de inverno.

«Detractor»

Não servirá de nada desafiarmos a desqualificada *horizontal* do jornalismo e da politica a demonstrar que nós alguma vez hajamos exposto verbalmente opinião acerca do dr. Cardoso de Albuquerque ou sobre seus actos, diferente daquela que está escrita em muitas colunas do «Radical», quere na 1.ª como na 2.ª série. Mais uma vez provará que o que deseja é semear a calúnia, forjada com a consciência inteira de outra coisa não sêr, e esperar depois. . . que alguma coisa fique.

De um caracter avariado e pôdre como aquêlle não se espera já tambem—senão infâmias, como todas as que aqui lhe hêmos lançado em rosto.

Mas ai fica, no entantos, o repto bem inútil.

Cavalaria II

Vinda de Viana do Castelo, chegou na quarta feira a esta vila uma força de 40 praças de cavalaria II, sob o commando do alferes sr. Damião Dias.

Na manhã de quinta feira seguiu para Braga, onde tem o seu quartel.

Contribuições

De 1 a 10 de outubro está patente aos interessados, na secretaria de finanças, a matriz da contribuição suntuária.

—Na mesma repartição encontram-se já, para poderem ser consultadas pelos interessados, as listas dos gremios da contribuição industrial.

Regedôres

Pediu a exoneração de regedôr da

visinha freguezia de Barcelinhos o sr. Francisco Pereira.

—Foi nomeado para aquele lugar o sr. João de Faria Junior

—Foi exonerado de regedôr da freguezia de Barqueiros o sr. José Plácido da Silva, entrando em exercicio por esse motivo o respectivo substituto sr. Julio Gomes Moim.

OS MORTOS

Manoel Gomes Barroso

Quinta-feira ultima faleceu na freguezia de Gilmonde, deste concelho, o sr. Manoel Gômes Barrôso.

Contava 72 anos de idade, era viuvo e possuidôr de uma avultadissima fortuna, calculada em 2 mil contos, de que é herdeira uma sua filha única.

Francisco de Barros

Pelas 13 1/2 horas de terça-feira, vitimado por uma congestão cerebral, fôleceu na casa de posto da «Campanita» o sr. Francisco Antonio de Barros, casado, de 73 anos, proprietario, da freguezia de Apulia, do concelho de Esposende.

A trasladação do cadaver para aquela freguezia fêz-se na quarta feira, e ali se realizaram os funerais, que foram muito concorridos.

Em S. João de Vila-Boa

Tambem faleceu ante-ontem, repentinamente, a sr.ª Maria Cardoso, estremosa esposa do sr. Manoel José Cardoso, proprietario naquela freguezia e louvado desta comarca, muito conhecido e estimado em Barcelos.

A todas as familias enlutadas enviamos a expressão siucera das nossas condolencias.

ANUNCIOS

ARRENDAR-SE

A casa e quintal de Manoel Joaquim Moreira, ao Campo da Liberdade, antigo campo de D. Carlos.

Tratar com Francisco Carmona—Barcelos.

ANTONIO BALTAZAR ADVOGADO

D. Antonio Barroso, 63
BARCELOS

NOVO DICCIONARIO PORTUGUES

Por J. A. Dias Pereira e José Pestana

Revisto e prefaciado pelo distinto professor do liceu sr. Jaime de Vasconcelos.

Editores: Costa & Carvalho —Porto

DEPOSITO DE MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO

H. Coelho Gonçalves & Fonseca

Campo da Republica (Antigo Campo da Feira)—BARCELOS

Sempre em deposito:

Telhas tipos — Marselha, Francez e outras.

Tijolos para fornos. Tijolos silico-calcaricos, para construções de chalets, tapamentos, vedações, etc.

Tubos de grez em todos os diametros, cimento. Azulejos, mosaicos, bacias para sentinas. Louz para telhados, eiras, soccos e cabeceiras para campas.

Depositos de louza para agua e fossas Moura. Botijas para engarrar vinho.

Deposito de bicicletas para venda e aluguer.

Nin juem compre qualquer destes artigos sem visitar este Armazem.

modicidade de preços.

CENTRO de ROVIDADES

Papelaria, livraria e tipografia

FERNANDO MIRANDA

136, Rua D. Antonio Barroso, 140 — BARCELOS

Além d'um completo sortido de artigos de papelaria e livraria, encontra-se o seguinte: chá especial, chocolate e cacau, farinha Nestlé e outras, cordas para instrumentos, sabonetes, perfumes, miudezas, tabacos, loterias e postaes illustrados, etc.

Imprimem-se cartões de visita, facturas, enveloppes, cartas, memorandun

Casa editora da nova colecção de postaes de Barcelos.

A LUZ "IDEAL,"

é a melhor de todas
até hoje conhecidas

A mais brilhante, a mais clara, a mais
bela, a mais higiênica e a mais barata.

SEM CHEIRO E SEM FUMO

E' o sistema mais aperfeiçoado de
luz por gazolina e pressão de ar.

Exclusivo para Portugal e colónias

"CASA IDEAL," de Eliseu Azevedo BARCELOS

MERCERIA 1.º DE DEZEMBRO

DE

Sebastião Pereira de Brito

Rua Infante D. Henrique, 27 e 29 — BARCELOS

N'este estabelecimento, no seu genero, o mais bem montado, encontra-se á venda, chá, café, arroz, assucar, bacalhau. Azeites e massas de superior qualidade

Deposito da Companhia Velha do Alto Douro. Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Pova. Louças e vidros. Artigos de papelaria e escriptorio.

Tudo superior qualidade e preços modicos

FARMACIA MODERNA

DE

João Pacheco Leite

Rua D. Antonio Barroso -- BARCELOS

N'esta conhecida e bem montada farmacia onde se encontra sempre um esmeradissimo sortido de especialidades farmaceuticas, tanto nacionaes como estrangeiras, aguas mineraes de Melgaço e Vidago etc., ha á venda além de muitos outros artigos: Termometros, seringas dos mais reputados autores, esponjas, irrigadores e inaladôres.

Tambem se encontra n'este estabelecimento o — Ferro molmetilarsinico — excelente tonico muito util na anemia, clorose e sempre que o organismo necessita um reconstituente inergico.

— Purgina — pequenas pastilhas aromaticas, o purgante ideal, muito agradável e de grande vantagem por não exigir dieta alguma e sendo de efeitos seguros

— Oleo Santiago — o puro oleo de bacalhau, o mais bem aceite por todos os estomagos ainda os mais debéis.

— Oleo aromatico — unico remedio até hoje conhecido para impedir a queda do cabelo e fazer desaparecer a caspa.

Aviam-se, com todo o escrupulo. receitas a toda a hora do dia e da noite.